



Alice Ferraz *alice@fits.com.br*

Você trabalha demais?

“**A**lice trabalha demais” deve ter sido a frase que mais ouvi na vida. Dita como uma crítica “construtiva” normalmente por quem gostaria de me abrir os olhos para espaços que mereciam mais a minha atenção. Era importante namorar e sair com amigas para aproveitar o momento, era hora de dar mais atenção ao casamento que começava, à maternidade, à família, aos amigos novos e antigos. E, principalmente, era hora de ter tempo pra mim, diziam, como se o trabalho fosse quase uma mania inoportuna que me tirasse os prazeres e roubasse momentos de vida. Tive

até um namorado que impôs o horário que eu deveria acordar para trabalhar, como se fosse errado acordar cedo animada para meus fazeres. Meus compromissos profissionais o incomodavam, talvez por ele ter tão pouca vontade de realizar.

Essa semana, conversando com um amigo, ouvi a mesma pergunta, mas feita em tom de curiosidade genuína: “Alice, você acha que trabalha demais?”. Sim. Acho que trabalho mais do que é considerado normal na sociedade em que vivo de acordo com meu gênero e possibilidades. Para uma mulher da minha geração, nascida no ambiente em que nasci, era esperado que

eu tivesse outros interesses.

Comecei a trabalhar vendendo pulseiras de miçanga na rua de casa, meus pais acharam graça, mas eu levei a sério a empreitada. Uma vizinha mais jeitosa era responsável pela montagem e eu vendia – não sem antes meter meu nariz na criação, insistindo para que fossem feitas não só peças aleatórias, mas conjuntos da mesma cor que podiam ser vendidos juntos. Nascia na menina de 10 anos a vontade de fazer, realizar, que integra até hoje minha personalidade.

Sem o trabalho vem à tona em mim a sensação de um vazamento, uma falta de motivo. Sei

que, em tempos em que a palavra equilíbrio é considerada mantra e solução para todos os males, o excesso de trabalho deve ser tratado em terapia. Bem, no meu caso, convivendo com essa balança que pende sempre para o mesmo lado, vivi uma vida de trabalho misturada com prazeres. O prazer do namoro, do casamento, da maternidade, sempre envolvido com a realização do fazer, do pensar, do construir. Conversas sobre projetos de trabalho fazem parte do dia a dia das minhas relações mais próximas. O trabalho visto por quem convive comigo, não como fuga ou esconderijo, mas como crença na vida.

Na fase da vida em que estou, com energia a mil, sem filho pequeno e com uma relação estável onde trabalhamos juntos, ouço que era hora de aproveitar o que construí. Normalmente, aceito sem contestar e mudo de assunto, mas aproveitando a pergunta do meu amigo vem a resposta formal. Aproveito muito a vida através desse fio condutor que me conecta com novas pessoas, espaços, realidades diversas e me desafia a estar sempre em transformação. Alguns chamam isso de trabalho, eu chamo de vida. ●

É ESPECIALISTA EM MARKETING DE INFLUÊNCIA E ESCRITORA. AUTORA DE ‘MODA À BRASILEIRA’

SEG Simão Castro (quizenat) • TER Patrícia Ferraz • QUA Roberto DaMatta • QUL Luciana Garbin (quizenat) • PATRÍCIA FERRAZ • SEX Marcelo Rubens Paiva (quizenat) e Maria Fernanda Rodrigues • SAB Alice Ferraz, Suzana Barrelli, e Daniel Martins de Barros (quizenat) • DOM Leandro Karnal, Sérgio Augusto e Ignácio de Loyola Brandão (quizenat)

Mostra Visuais

‘A cultura é fundamental na educação do olhar do público’

Para Carlos Jereissati Filho, eventos como a SP-Arte, que começa na próxima semana, fortalecem a economia criativa e as artes

ALICE FERRAZ

A moda, assim como a arte, faz parte dos movimentos criativos que simbolizam seu tempo. As grandes casas de moda do mundo sempre tiveram seus nomes ligados à arte por meio de fundações e museus. O vínculo entre as duas expressões artísticas, no entanto, vem com o tempo se tornando mais estreito em função de experiências proporcionadas pelas marcas ao consumidor final. Um movimento que pode ser notado nos calendários de desfiles internacionais.

Um exemplo é a marca francesa Dior, que durante a temporada de alta-costura recebe seus convidados no icônico Museu Rodin de Paris e preenche desfiles com cenografias que são exposições. Nas últimas temporadas, de alta-costura e prêt-à-porter, respectivamente, o Museu Rodin e o Jardim des Tuileries brindaram

seus clientes com apresentações, instalações de artistas como Isabella Ducrot e Joana Vasconcelos que serviam de palco e inspiração para as criações de seus estilistas.

Esse tipo de contato próximo entre arte e moda segue uma tendência mundial no mercado de luxo que agrega novos valores para uma clientela ávida por uma moda que traga sentido para além do consumo. Por aqui, esse movimento de integração teve como pioneiro o Grupo Iguatemi, na figura de Carlos Jereissati Filho, membro do Conselho de Administração. Há mais de 15 anos, Carlos patrocina e constrói um caminho inédito em parceria com um dos mais importantes eventos de arte do País, a SP-Arte, que em abril chega à sua 20ª edição, no histórico Pavilhão da Bienal de São Paulo.

“Acredito que a cultura tem um papel fundamental na educação do olhar do público. Eventos como a SP-Arte fortalecem a economia criativa e trazem valor para o consumidor. Por esses motivos iniciamos a parceria de tantos anos”, afirma o executivo. “Faz parte da cultura do grupo Iguatemi apoiar a arte e a feira está alinhada com esse compromisso de levar para o



NICOLAS CALLIGARO

Fernanda Feitosa, fundadora da SP-Arte, e Carlos Jereissati Filho: parceria em prol da cultura

público o poder transformador e provocativo da arte.”

EXPERIÊNCIAS. O shopping Iguatemi São Paulo foi o primeiro centro comercial a abrir suas portas na cidade, em 1966, e atualmente detém participação em 14 shopping cen-

Foco
Reconhecimento da arte indígena e do artesanato brasileiro é destaque na edição deste ano

ters pelo Brasil. Ao longo desse tempo, o grupo se tornou expert em criar experiências para sua comunidade – Carlos enxerga a arte como um impor-

tante canal para essa conexão.

“Durante a feira, criamos um espaço de troca chamado Arena Iguatemi, que conta com uma programação de conversas com artistas na qual o valor do conhecimento é o foco. Este ano, por exemplo, o reconhecimento da arte indígena e do artesanato brasileiro é pauta importante que será tratada nesse espaço”, explica.

A SP-Arte reuniu no ano passado mais de 31 mil visitantes, número que reforça sua posição de liderança no cenário nacional das artes. São mais de 180 expositores, entre galerias de arte, estúdios de design e editoras. A feira tem como diretora criativa a paulistana Fernanda Feitosa,

que enxerga a parceria de tantos anos como um trabalho conjunto muito maior do que de um patrocínio.

“Construímos junto ao Iguatemi projetos que resgatam o olhar do consumidor para o valor da cultura que permeia várias ações durante o ano. O Iguatemi é um espaço cotidiano que se mantém sintonizado e propõe, por meio dessa parceria, trazer conhecimento e um retrato da cultura daquele momento para seu público.” ●

SP-ARTE

De 3 a 7 de abril. 13h-20h (4 e 5) e 11h-19h (6 e 7); Pavilhão da Bienal do Parque Ibirapuera; Ingressos: R\$ 40 (meia) e R\$ 80 (inteira). Site: sp-arte.com